



O ÍNDICE NA CRIANÇA: A ESTRUTURA SEMIÓTICA DE SINAIS
THE INDEX ON THE CHILD: THE SEMIOTIC STRUCTURE OF SIGNALS
EL ÍNDICE EN NIÑOS: LA ESTRUCTURA SEMIÓTICA DE SEÑALES

Caio César Costa Santos

E-mail: cesarinmind@gmail.com

Universidade Federal de Sergipe - UFS

RESUMO

O índice na criança. Esta é a temática central deste artigo. Nossas discussões voltam-se para a questão de que como a criança, na fase de seu balbucio, internaliza os fatos de linguagem e como recepção-os, já que a criança, nesta fase, não possui o código linguístico inteiramente construído. Ela, a criança, serve-se de sinais, pistas, índices ou indícios provindos de sua estrutura semiótica refletida em gestos de apontar com os dedos e as mãos. Defendemos a tese de que a criança, neste estágio, já compõe-se de signos deícticos que podem ser interpretados pela sua mãe, mesmo com algum resquício de dificuldade. Mesmo que a criança, na fase do balbucio, não produza uma sentença gramatical completa, ela pode significar o seu entorno através de gestos perceptuais que se originam do movimento enfático de seus dedos. A partir desta condição, afirmamos que aí emerge um texto, uma tessitura de significações, mesmo que composta apenas de indícios. O nosso objetivo é realçar a dinâmica deste estado sensorio-motor de assimilação das coisas do mundo por parte da criança na fase de seu balbucio.

PALAVRAS-CHAVE: Índice. Criança. Estrutura semiótica.

ABSTRACT

The index on the child. This is the central theme of this article. Our discussions turn to the question that how the child, in the phase of babbling, internalizes the facts of language and how it welcomes them, since the child, at this stage, does not have the entirely constructed linguistic code. She, the child, uses signals, clues, indices or clues from her semiotic structure reflected in gestures of pointing with fingers and hands. We defend the thesis that the child, at this stage, is already composed of deictic signs that can be interpreted by his mother, even with some trace of difficulty. Even if the child, in the babbling phase, does not produce a complete grammatical sentence, he can signify his surroundings through perceptual gestures that originate from the emphatic movement of his fingers. From this condition, we affirm that there emerges a text, a fabric of meanings, even if composed only of indications. Our objective is to highlight the dynamics of this sensory-motor state of assimilation of the things of the world on the part of the child during the babbling phase.

KEYWORDS: Index. Child. Semiotic structure.

RESUMEN

El índice del niño. Este es el tema central de este artículo. Nuestras discusiones se centran en la cuestión de cómo el niño, en la fase de balbuceo, internaliza los hechos del lenguaje y cómo los acoge, ya que el niño, en esta etapa, no tiene el código lingüístico enteramente construido. Ella, la niña, usa signos, pistas, índices o pistas de su estructura semiótica reflejada en gestos de señalar con los dedos y las manos. Defendemos la tesis de que el niño, en esta etapa, ya está compuesto de signos deícticos que su madre puede interpretar, incluso con algún rastro de dificultad. Incluso si el niño, en la fase de balbuceo, no produce una oración gramatical completa, puede significar su entorno a través de gestos perceptivos que se originan del movimiento enfático de sus dedos. A partir de esta condición, afirmamos que emerge un texto, un tejido de significados, incluso si está compuesto solo de

indicaciones. Nuestro objetivo es resaltar la dinámica de este estado sensorial-motor de asimilación de las cosas del mundo por parte del niño durante la fase de balbuceo.

PALABRAS CLAVE: *Índice. Niño. Estructura semiótica.*

INTRODUÇÃO

A noção de texto nas ciências humanas é muito complexa e contraditória. Para o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2011), o texto é o dado primário de todas as disciplinas. Segundo ele, o texto é a realidade imediata, a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Mas, no tocante à realidade ontológica da linguagem, o texto verbal, enquanto materialidade significante, não pode ser consagrado como dado primário porque por trás do próprio texto há uma dimensão semiótica de composição, a saber: os gestos, os sinais e os indícios. Então, o texto verbal, em sua natureza, não é de ordem primária, mas sim secundária. Logo, aquilo que é da ordem do primário é aquele tecido invisível que se originou dos sinais, antes mesmo da composição do texto essencialmente verbal. Defendemos a posição de que há uma anterioridade do texto, a saber, a sua estrutura semiótica invisível de sinais. Para interrogar esta importante reflexão, tomamos como exemplo o universo imaginário da criança na fase de seu balbucio, antes da fala.

Nesta fase, a criança não possui o código linguístico inscrito em seu cérebro, logo, ela não pode produzir palavras, nem sentenças gramaticais. Mas, de todo modo, ela é ainda capaz de comunicar-se com o seu interlocutor, a partir de gestos e sinais, a sua linguagem semiótica. Afirmamos que o meio ambiente de relações espaço-temporais é o responsável pela assimilação e significação de objetos espaciais dispersos no meio circundante. Por esta perspectiva, a criança significa-se e significa o mundo à sua volta através da linguagem não-verbal. Embora a linguagem ainda esteja em processo de desenvolvimento, a criança, mesmo assim, consegue construir representações psíquicas em sua mente através do contato com algum objeto espacial. Entenderemos este processo como tal nos tópicos a seguir.

O TEXTO: A COMPLEXIDADE DE SUA CONSTITUIÇÃO

O texto em si é uma unidade complexa da linguagem ou do pensamento? O ser humano carrega em si um conjunto de expressões do pensamento, como também da linguagem. Mas,

sem a linguagem, o pensamento é uma massa amorfa. O problema está em conceber se o texto é uma unidade significativa da linguagem ou do pensamento? Sabemos que do lado da atmosfera da linguagem, o texto se configura como um sistema de expressões linguísticas, os chamados signos. Ferdinand de Saussure, no começo do século XIX, introjetou na tessitura da linguagem, a noção de língua como que equiparada ao conceito de sistema. O texto, nesta ótica, é um sistema de signos, ou seja, de coisas significantes.

Ao lado desta noção, o pensamento se amolda à expressão da linguagem, construindo uma significância que lhe é própria. A massa significativa do pensamento se caracteriza com a imersão dos pontos significantes da linguagem. Como dizia Saussure (2012), o pensamento, por ele mesmo, é um sistema de coisas heteróclitas. Isto faz crer na suposição de que o elemento heterogêneo do pensamento se apresenta, à primeira vista, como um aglomerado de conceitos e ideias dispersas entre si mesmo. A lógica de composição do pensamento não se assemelha à lógica de composição da linguagem. No âmbito da linguagem, o cérebro humano recebe sinapses de orientação, construção e estocagem de conceitos concernentes ao aprimoramento do aparelho fenomenológico da linguagem, enquanto que, no âmbito do pensamento, sem a imersão do teor significativo dos signos, a imagem construída na mente não tem nenhuma substância semântica de significado.

Significar-se e significar o mundo faz parte do aparelho fenomenológico da linguagem. O mundo ou o universo circundante está repleto de coisas, fenômenos e crenças, todos estes associados ao complexo processo de interpretação. A coisa significativa já possui em si uma caracterização que lhe é própria. Os significados estão ali prontos para serem interpretados pelo sujeito ontológico da linguagem. Cada coisa em si aporta um número de significações, mas cabe ao ser humano recepcionar a aparência desta coisa heteróclita e discernir qual estado de coisas aquela coisa pertence. Desde cedo, a criança, na fase do balbucio, aprende a se relacionar com o meio circundante e, com base em suas crenças, a criança vai assimilando os conceitos pertencentes à totalidade do mundo. Significar um objeto não é tão fácil como se pensa. Primeiro, a criança aprende a se relacionar com o meio ambiente composto de relações espaço-temporais. Ao se relacionar, a criança, aos poucos, vai adquirindo um grau de significância de seu próprio meio de relações. Enquanto as relações espaciais com o objeto estão em processo de identificação dos elementos circundantes, a criança vai construindo o seu próprio espaço de relações sociais.

A relação espacial com um dado objeto é de ordem fenomenológica. O objeto em si está ali pronto para ser estocado e armazenado na memória do indivíduo que começa a aprender. Enquanto o objeto tem uma substância de significado fixa, a criança aprende a dissecá-lo, a extrair dele mesmo o máximo de porção significativa possível. A partir deste momento, o objeto espacial perde sua natureza estática e passa a constituir um fenômeno dinâmico de relações espaciais. O dedo da criança que faz apontar, por uma ordem semiótica, já significa. Ela começa usando os seus membros para comunicar-se. Este fenômeno é o dado primário do texto como Bakhtin (2011) definiu. Mas, Bakhtin (2011) não foi tão longe ao perceber que o texto, enquanto matéria primária da comunicação, se concretiza inicialmente na expressão de sinais, de indícios, gestos que se configuram partindo-se de um sistema perceptual que lhe é próprio. Embora a criança não consiga captar os signos linguísticos verbais do interlocutor e construir uma imagem análoga aquele objeto com base nos princípios de verbalização, ela consegue produzir uma unidade significativa de seu pensamento através de sinais de demonstração.

Neste jogo de linguagem, o único meio de relação espacial com um dado objeto é a captura do elemento ontológico da linguagem pela expressão de gestos. Os dedos, os movimentos remissivos da face e do tronco apontam sincronicamente e provocam sinais que podem ser interpretados pelo interlocutor primário, a sua mãe. Estes sinais estão desprovidos de conteúdo verbal, mas possuem uma substância significativa capaz de elucidar o que a criança está querendo naquele momento. Deste modo, a criança começa a se relacionar no ambiente circundante, enquanto a massa heteróclita do seu pensamento ainda não se compôs e o hipocampo ainda não se desenvolveu ao ponto de a criança construir sentenças gramaticais. Até atingir este estágio, a criança vive naquele mundo de fantasias, construções e ideologias. O movimento no espaço pela criança é executado a partir do gesto de apontar.

Antes da composição do texto, há a unidade fenomenológica de sua constituição. O texto, sendo ele verbal, não apresenta a totalidade de apreensão de sua complexidade. É importante saber que no texto, antes mesmo de ele ser configurado, há um universo semiológico atrás de sua composição. Este universo semiológico compõe-se de estruturas não-verbais, de elementos invisíveis e de sinais que não foram ainda dissecados através da força da linguagem. O gesto de apontar da criança, por exemplo, já se configura como um texto essencialmente semiológico. Há, neste gesto, índices de uma dada porção prévia que embora não sinalizem verbalmente através de palavras e sentenças, é possível interpretá-lo como um dado semântico. Bakhtin (2011) está correto ao dizer que o texto é um dado primário, mas é importante saber que se ele

é um dado primário, então aquilo que vem anteriormente não faz parte de sua composição, a saber, os gestos, os sinais, os índices, etc. Sabemos que antes mesmo de um texto ser confeccionado, há uma memória ontológica por trás deste processo. Se os sinais não são visíveis na materialidade do texto, eles podem ser interpretados pela lógica do pensamento.

O pensamento, por si só, não possui uma estrutura hierarquicamente significante, isso quer dizer que o tecido do pensamento é frouxo, desconexo e opaco. Todavia, o pensamento faz parte do processo das faces significantes do texto, ele com a memória tem o propósito de recuperar instâncias passadas e inacessíveis ao intelecto humano. O problema central está em definir o que está no interior do pensamento quando se percebe um texto? Ontologicamente, o pensamento vem antes da expressão da linguagem, mas ambos os fenômenos em si funcionam intrinsecamente, ou seja, o pensamento se concretiza e deixa o espaço de massa amorfa para se constituir como uma espécie de tecido verbal com a expressão da linguagem. O que se apresenta como texto é amplamente complexo, porque, de imediato, não sabemos se o tecido que constitui a forma ontológica do sujeito é proveniente do pensamento, ou se é algum signo que já se concretizou na matéria da memória e faz parte do complexo uso da linguagem. É importante notar que onde não há texto, não há objeto do pensamento.

Ou seja, a materialidade do texto só se torna inerentemente suscetível e passível de transformação de suas próprias categorias quando a imagem do texto está alojada no cérebro do sujeito. Aí, na imersão da superfície desta imagem, é onde se encontram os sentidos, as percepções, as ações, os pensamentos, os conceitos e as ideias; todos envolvendo uma certa similaridade com os objetos constituídos. No teor de todo ponto de vista, existe o objeto e a imagem deste objeto. No circuito comunicativo da linguagem, existem dois indivíduos que interagem entre si. O indivíduo A produz sonoramente uma sentença gramatical e o indivíduo B recebe o som desta sentença. Tal som pode soar estranho ao indivíduo B se ele não conhece anteriormente o significado daquela expressão linguística. Mas, de qualquer modo, aquela sentença é recebida pelo indivíduo B através do aparelho auditivo e automaticamente se constrói uma imagem acústica ou mental em seu cérebro. Como sabemos, tudo o que nos circunda e que ouvimos falar, primariamente, é percebido no cérebro como uma imagem. Esta imagem é o que transmite ao sujeito a função de significá-lo.

Na intersecção entre a imagem e o objeto é onde o texto se constitui. Não é, portanto, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem como bem demonstrou Saussure

(2012). A linguagem em si é inteiramente um fenômeno que está além da percepção material do discurso e o pensamento também é um fenômeno que é mantido no cérebro através de representações psíquicas. Mas, é a língua por ela mesma, que corta o nível ontológico entre a linguagem e o pensamento, produzindo uma simetria de constituição de sua origem. A língua é a que torna a linguagem um fato concreto, social e dinâmico, por outro lado, é a língua que torna o pensamento uma massa significativa, transparente e inteligível. A língua, sendo um objeto de natureza concreta, constitui uma estrutura que lhe é própria e que, ao mesmo tempo, significa a massa desconexa do pensamento. A língua, assim como o texto, é um sistema complexo de signos. O pensamento, neste limite linguístico, está para o processo de significação porque os signos enquanto matéria psíquica constitui uma similaridade com a memória. Então, o lugar do pensamento nos estudos da linguagem é de ordem semiológica. É como se pudéssemos dizer que o pensamento se apresenta como o significante e a língua é o seu significado.

OS SINAIS NA CRIANÇA: SEGUINDO UM PRINCÍPIO FENOMENOLÓGICO

Como afirmou Bakhtin (2011, p. 308), “independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida”. Mas, é como interrogamos anteriormente, e se este texto fosse de ordem indicial? O problema se agravaria, necessitando de uma discussão mais aprofundada sobre o assunto. Se o texto, enquanto materialidade significativa primária, é de ordem estritamente linguística, então, consagramos a esta posição o lugar da língua. Mas, se estudássemos o lado anterior deste texto, não estaríamos recuperando as porções prévias do pensamento? A lógica de sentido está no fato de que o que vem antes do texto é a memória ontológica do sujeito. Mas, em muitos casos, esta memória não está visível ao interlocutor, a ideia de que se tem do texto é a de que ele seja formado por um pensamento anterior, por uma massa inicialmente opaca, mas que se torna transparente com a presença da língua. A língua em si encontra-se no plano sensório-motor, ou seja, na concretude dos acontecimentos. Se o conjunto da língua é simétrico, o do pensamento é desconexo. Então, qual seria a função primordial da linguagem? Seria estruturar as formas desconexas do pensamento. É como se a sentença gramatical sem um liame entre si se tornasse incapaz de produzir significado. Como dito anteriormente, é a língua que se amolda ao pensamento para produzir significado. Sobre a língua, entendemos um sistema complexo de relações entre signos.

O próprio Bakhtin (2011, p. 309) já havia enunciado que se “por trás do texto não houvesse uma linguagem, este não seria um texto, mas um fenômeno semiótico”. Corroborando para o fato de que o sistema semiótico de Peirce (1977) e sua tricotomia têm relação com a massa significante do pensamento. Entre os símbolos, os ícones e os índices, estes últimos são os responsáveis por introjetar a estrutura invisível do pensamento. Ou seja, os índices, assim como os gestos de apontar de uma criança, são concretizados no sistema da língua pela imersão de fatos linguísticos concretos. Nos índices, o aparelho semiológico da linguagem é formado por uma dimensão primária da língua. O problema está em perceber se os índices, no processo de interpretação do texto, é de ordem primária ou secundária? Como dito anteriormente, se estamos nos tratando dos gestos provenientes do movimento dos dedos da criança no início do processo de aprimoramento dos aspectos externos à linguagem, a saber, o ambiente, a dimensão ontológica do aparelho semiológico da linguagem é de ordem primária, uma vez que o conhecimento das relações espaço-temporais é ainda muito restrito, ausente de fatores propriamente linguísticos. O fato em ênfase é o de que a criança, na fase do balbúcio, ainda não consegue internalizar em seu cérebro os fatos concretos da linguagem, a saber, a fala, a interação, o sistema dialógico, etc. Entre duas consciências que a todo instante se mesclam no processo de constituição da fala, o aparelho semiológico da linguagem da criança não se concretizou amplamente ao ponto dela interrogar-se sobre os aspectos inerentes ou não do processo de interação entre duas vozes.

Neste limite linguístico, o adulto, com o seu aparelho semiológico completo, entende o processo de emissão de índices do “discurso” da criança, mas em boa parte das vezes, este mesmo processo não se completa devido à formação peculiar dos índices de demonstração da criança. Isto acontece porque o fenômeno da linguagem ainda não foi desenvolvido no cérebro da criança a ponto dela evocar signos genuinamente linguísticos. Quando a criança olha para o peito da mãe é sinal de que ela quer se alimentar, quando a criança aponta para um ursinho de pelúcia é sinal de que ela quer aquele ursinho para si ou que quer brincar com o objeto. Dentro desta perspectiva, não seria mais conveniente caracterizar o texto, de natureza indicial, como ordem primária e não necessariamente secundária? Pois, os índices, embora sejam provenientes de um sistema semiótico que incita a compreensão da massa significante do pensamento, eles fazem parte também do aparelho fenomenológico da linguagem. Ou seja, anteriormente ao texto, no processo, está envolvido também a memória ontológica que tem relação intrínseca com as representações psíquicas do usuário da linguagem. Corroborando com a teoria de

Bakhtin (2011), o sujeito só pertence a um sistema dialógico por natureza quando este indivíduo já aprendeu a falar, a produzir palavras que são representadas por signos. O texto, ao contrário, já é um sistema de signos, com sua estrutura própria, com seu arcabouço sintagmático fixo e com sua simetria deliberada.

Os signos existentes na criança, antes do processo de fala, são de natureza essencialmente indicial e, somente com os indícios, a criança é capaz de construir uma linha de pensamento coerente com o intuito de interagir em sociedade, mesmo através de gestos meramente. Neste caso em particular, o sistema é perceptual em vez de ser propriamente linguístico. A descrição da relação espacial com um dado objeto é feita pela associação de elementos mnemônicos construídos no cérebro da criança a partir de representações mentais. A imagem coalescente que aparece na mente é fruto do contato especificamente espacial com o objeto, sem a descrição de sentenças gramaticais. É importante dizer que a ausência destes elementos linguísticos não prejudica a enunciação primária da criança, uma vez que os índices já são, por eles mesmos, constituídos de uma experiência subjetiva prévia. Em outras palavras, a noção de língua que a criança tem é restrita a elementos não-verbais, mas, os elementos linguísticos não deixam de ser representados em sua mente, embora ela não consiga ainda produzi-los verbalmente. Em contrapartida, a percepção do espaço circundante é totalmente realçada, pois a criança, como dito anteriormente, vive em um mundo de ideologias, de crenças e impressões, isto garante à criança a apreensão de um número ilimitado de objetos espaciais, fazendo crer que a dimensão propriamente linguística não é a única possível. Como afirmou Bakhtin (2011, p. 313), “do ponto de vista dos objetivos extralinguísticos do enunciado, o linguístico é apenas um meio”.

Na fase do balbucio, não estaria a criança sempre fora da língua como matéria para a expressão do pensamento? Mesmo com base em indícios, a criança exprimi a si mesma e faz de si mesma objeto para o outro e para si mesma. Esta é a realidade da consciência. Mas, este processo como tal nunca deixa de ser dialógico por natureza, uma vez que estarão sempre trabalhando duas consciências, dois sujeitos, dois falantes. Embora a voz na criança seja constituída de sons estranhos à percepção, o modo demonstrativo de apontar para algum objeto já garante parcialmente a assimilação da complexa cadeia dialógica do discurso. Sobre este ponto, poderíamos nos questionar sobre em que medida se pode falar de um sujeito da língua como sistema? Para ser consagrado efetivamente como um sujeito, basta somente a equivalência de princípios meramente semióticos? Uma coisa é certa: se, dentro de uma comunicação discursiva, ambos sujeitos são entendidos reciprocamente, não podemos

discordar que aí existiu uma interação face a face genuína. Mas, se um dos sujeitos não entendeu o discurso do outro, então, a comunicação não se efetivou. Se é possível, pelo adulto, entender a linha de pensamento da criança mesmo que constituída de indícios meramente, a comunicação discursiva não deixa de existir. Nesta perspectiva, o texto se apresenta como expressão da consciência que reflete algo. Ou seja, se a relação espacial com o objeto tomou uma forma subjetiva particular já é possível pensar que aquela denominação do objeto é passível de interpretação.

Estamos acostumados primordialmente com as formas concretas da linguagem e com as condições concretas da vida dos textos e esquecemos de que os indícios, os gestos e os sinais também podem ser configurados como textos, embora circunscritos a uma realidade abstrata ou imaginária. É importante mencionar que ver pela primeira vez, tomar consciência de algo pela primeira vez já significa entrar em relação com algo. O índice na criança, por exemplo, é uma forma representativa do objeto. Embora esteja em sua forma abstrata e opaca, a imersão do índice de subjetividade transforma o eixo de relações espaço-temporais do objeto representado em uma experiência amplamente subjetiva. É no contato com o objeto físico-espacial que este objeto toma forma de signos, embora interpretado apenas em formas de sinais inteligíveis. O discurso efetivamente construído é composto de palavras e sentenças gramaticais, mas se o entorno social da criança é composto apenas de indícios, não podemos dizer que existiria aí um sistema da língua, pois, o cérebro da criança ainda não desenvolveu os fatos concretos da linguagem. Hjelmslev (1975, p. 49) argumenta que “o fato de que a linguagem é um sistema de signos parece ser uma proposição evidente e fundamental que a teoria deve levar em consideração desde o início”. Se todo signo é portador de uma dada significação, os índices de uma criança funcionam ordinariamente como signos no sistema da língua. O que há de importante neste caso é que a criança não aporta do vocabulário lexicológico do sistema linguístico, mas, acima de tudo, aporta de um sistema semiológico de indícios. Isto já é suficiente para crer que o texto indicial (repleto de gestos e sinais) é de ordem primária, enquanto que o texto meramente verbal é de ordem secundária.

Segundo o linguista Lyons (1982, p. 31), há ainda um ponto a acrescentar neste argumento, “o de que a arbitrariedade no sistema semiótico faz com que os sinais sejam mais difíceis de se interpretar para quem os intercepte sem conhecer o sistema”. O adulto conhecendo o sistema da língua fica mais fácil de entender os gestos e sinais proferidos pela criança. Outro dado importante é que a referência em que se dá na relação entre o adulto e a criança é uma

relação que acontece entre expressões e entidades, entre propriedades e situações no mundo externo. Este fato deve estar presente em nossa mente. Primeiro que o contexto verbal do entorno comunicativo da criança ainda não foi construído. Segundo que a referência espacial da criança na fase do balbucio é de ordem sumariamente dêitica (feita por sinais). E terceiro que o significado encrustado dos gestos da criança pode não ser o mesmo daquele construído na mente do adulto. A propriedade essencial da dêixis é de suma importância no início da fase de concretização dos objetos circundantes pela criança. O termo “dêixis” é de origem grega que significa “apontar” ou “mostrar”, esta expressão referencial determina a estrutura e a interpretação dos enunciados em relação ao tempo e ao espaço de uma determinada ocorrência e também em relação aos objetos e eventos da situação real de enunciação.

Diante das provocações aqui discutidas, estamos em acordo com Lyons (1982) ao dizer que o conhecimento linguístico resulta da interação de estruturas mentais com o meio ambiente. Ou seja, a criança não compõe-se de estruturas linguísticas inatas, ela, ao contrário, necessita da assimilação do ambiente para construir representações psíquicas da situação singular da enunciação. Os sinais emitidos, por serem signos, também participam do processo de enunciação. A criança, a depender do ambiente em que se está, vai apreendendo a estrutura concreta da linguagem, mas, antes disso, só há em seu “discurso” meios não-verbais de percepção. Segundo o linguista Slobin (1980, p. 203), “o desenvolvimento cognitivo antecede e amolda o desenvolvimento linguístico”, e ele continua: “o intelecto da criança desenvolve-se por meio da interação com as coisas e pessoas do meio ambiente”. Este ponto de vista provoca o pensamento de que o uso interno da linguagem não precisa, necessariamente, se refletir nos movimentos articulatórios do aparelho vocal. Antes da fala, existe o pensamento. A massa significativa do pensamento é responsável pelas coordenadas da percepção sensorial do objeto representado na mente da criança. Na mente da criança, todo o pensamento está presente de uma vez, mas na fala ele tem de desenvolver-se sucessivamente e de modo articulado. O que a criança possui são esquemas de pensamento ainda não articulados, é como se fosse uma nuvem opaca de sentidos que, aos poucos, vai ficando transparente com o artifício da linguagem.

O que a criança tem em mente é a imagem visual do objeto, este é o seu modo primordial de representação. Em outras palavras, a criança está abaixo do nível de percepção consciente das palavras, o que faz crer no fato de que seus pensamentos são mais abstratos e mais gerais do que o conteúdo de sua consciência. O que é interessante a observar é que a língua tem acesso a todas as formas de representação (motora, visual, mental, subjetiva, semiótica, etc.), sem

necessitar do sistema de expressões genuinamente linguísticas. Logo, é possível comunicar-se com os olhos, com a face, com os dedos e os membros do corpo. Fenomenologicamente, isto já se configura como um texto, pois é repleto de signos existentes na percepção, embora não reconhecidos primariamente no sistema da língua. Os adultos falam a respeito de suas experiências e lembranças e, como já observamos, tendem a codificar e armazenar linguisticamente suas experiências. As crianças não, elas não possuem o código linguístico intrínseco e, por isso, é inacessível localizar suas lembranças na fase da primeira infância. Em suma, a criança não tem esquemas, nenhuma estrutura interpretativa interna para a preservação de suas recordações mais antigas. Segundo Slobin (1980, p. 221), “à medida que a criança vai crescendo, os objetos para ela mudam de tamanho relativo e, ao mesmo tempo, vão sendo rotulados, organizados e reagrupados em categorias novas com base na linguagem que ela vai aprendendo”. O foco central e inteligível da criança é o meio ambiente, somente a partir dele é que ela é capaz de construir o seu universo imaginário no interior de um sistema profundamente semiótico.

CONCLUSÃO

Nossa investigação sobre a complexidade de constituição do índice na criança cumpre o seu papel: o de construir também uma abordagem coerente às transformações espaciais existentes no universo imaginário da criança. Vimos que a linguagem, bem como o pensamento exercem o seu papel na dissolução de teorias linguísticas que hoje, poderíamos dizer, algumas estão ultrapassadas. Defendemos a tese de que o texto, como um todo, é recepcionado por todas as ciências como um aparato linguístico e semiótico. Ele é linguístico quando consideramos o seu aspecto verbal e, por isso, pode ser consagrado como dado secundário. Ele é semiótico quando constituído de gestos e sinais, logo, é de ordem primária, porque advém do florescimento da percepção sensorial da criança na fase do balbucio.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Tradução de Marilda Winkler Averbug. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução de José Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SLOBIN, D. I. **Psicolinguística**. Tradução de Rossine Salles Fernandes. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.